

Dignidade em Silêncio: Um olhar sobre o assédio moral

Em meio ao ruído das metas, prazos e hierarquias, há vozes que se calam. São vozes de pessoas que, dia após dia, enfrentam o peso invisível do assédio moral — uma violência que não grita, mas corrói. Hirigoyen nos ensina que essa forma de agressão não se dá por socos ou gritos, mas por olhares que humilham, silêncios que excluem, palavras que desconstróem.

O ambiente de trabalho, que deveria ser espaço de construção coletiva e respeito mútuo, muitas vezes se transforma em palco de perversidade disfarçada de profissionalismo. A vítima, lentamente, perde o brilho, a confiança, a identidade. E o mais cruel: muitas vezes, ninguém percebe. Ou pior, todos fingem não ver.

Mas há resistência. E ela começa com a valorização da pessoa. Reconhecer o outro como sujeito de direitos, como alguém que merece respeito, escuta e acolhimento, é um ato de coragem. É romper com a lógica da indiferença e afirmar que dignidade não é negociável.

Enfrentar o assédio moral não é apenas punir o agressor. É transformar a cultura que o permite. É educar para a empatia, cultivar ambientes saudáveis e promover relações baseadas na ética e no cuidado. É lembrar que, por trás de cada crachá, há uma história, uma vida, uma humanidade que merece florescer — e não murchar.

(Referência: “Assédio moral: a violência perversa no cotidiano”, Marie-France Hirigoyen)